

# Editorial

Não há dúvidas de que Freud e muitos de seus seguidores estiveram, desde sempre, cientes da impossibilidade de separarmos a psique do soma e de que fazemos esta separação apenas por necessidades didáticas.

Apesar de não ter falado em psicossomática, o criador da psicanálise esteve atento às relações entre corpo e psique e às patologias que poderiam advir daí. Demonstrou, desde os primórdios de seus estudos, que a conversão histórica correspondia à simbolização no corpo de conflitos não elaborados e reprimidos, bem como relacionou as neuroses atuais a um momento de desamparo, reatualizado mais tarde pelos sintomas.

No entanto, é inegável que a evolução dos estudos psicanalíticos, especialmente ao longo das últimas décadas, tem possibilitado aprofundar o entendimento e consequente atendimento a psicopatologias graves e que envolvem o corpo. Ampliou-se a compreensão que, se o indivíduo apresenta falhas na aquisição da capacidade simbólica e da representação psíquica de conflitos, o resultado pode culminar em somatizações. Sabemos, a partir de Bion, Winnicott e de autores contemporâneos, que emoções não *digeridas*, ou seja, sem representação psíquica, são evacuadas através do ato ou do corpo.

Mais recentemente, por meio da Escola Psicossomática de Paris, psicanalistas sob a liderança de Pierre Marty aprofundaram a abordagem das patologias corporais como possíveis consequências do sofrimento emocional. A descarga no corpo seria o recurso do aparelho psíquico para liberar-se de excitações que ultrapassam sua capacidade de elaboração. Seria uma forma fracassada de responder aos excessos.

A partir desses desenvolvimentos, o conhecimento sobre o corpo e a psique vem sendo paulatinamente alargado, possibilitando a aplicação da técnica psicanalítica para uma gama cada vez mais ampla de pacientes, bem como para a compreensão de que – quando falta representação psíquica – não basta nos valermos da técnica psicanalítica clássica. Nesses casos, necessitamos utilizar abordagens que possibilitem ligar o que é evacuado, ajudar a criar representações mentais.

Pretendendo contribuir para esse estudo, nós – os componentes do Conselho Editorial da *Revista* – escolhemos, ainda em 2014, *Corpo* como uma das temáticas a serem publicadas em um futuro próximo. Surpreendentemente, pouco depois no mesmo ano, constatamos que este havia sido justamente o tema escolhido para o Congresso da FEPAL de 2016. Pensamos que esta foi uma feliz coincidência, pois possibilitou contarmos com artigos cujos autores já estariam escrevendo com vistas à sua participação no referido Congresso. Por outro lado, confirmou-se o quanto

é comum que algumas ideias se apresentem simultaneamente nos mais variados contextos, como se elas estivessem *pairando no ar*. Creio que este pode ter sido o caso desta coincidente escolha temática.

Assim, com o intuito de mergulharmos nesta instigante matéria, apresentamos o novo número de nossa *Revista*, confiando que, da mesma forma que o foi para nós, seja também enriquecedora para nossos leitores.

O primeiro artigo *O corpo*, de autoria de Rafael Cruz Roche, reflete sobre a evolução do pensamento de não dissociação corpo-psique, enfatizando a importância da obra de Freud e de filósofos do século XX neste desenvolvimento. Por outro lado, demonstra o quanto ainda esta dissociação se faz presente em certos modos de pensamento.

Em continuidade, Norberto Carlos Marucco, em *Corpo, luto e representação no campo analítico: algumas reflexões sobre a psicossomática hoje*, posiciona-se em defesa da expressão psicossomática como uma via de manifestação para inscrições ainda não representadas. Mostra que a evolução patológica de um processo de luto, estruturado pela desmentida e cisão do ego, pode produzir o que chama de melancolia corporal.

Um trabalho clínico a respeito de uma paciente com queixa de dor física e dificuldades para lidar com a dor psíquica é ilustrado através de vinhetas compreendidas pelo vértice psicanalítico em *Caminhos da dor: do corpo à dor de existir* pelas mãos de Norma Lottenberg Semer, Ariane Fadel Martinho e Roberta Katz Abela.

*A anorexia e a bulimia: entre o corpo, o eu e o outro* é o artigo seguinte de autoria de Maria Helena Fernandes. Traz para discussão algumas hipóteses metapsicológicas com o intuito de melhor compreender o processo de construção da imagem corporal. Estuda a clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia, que nos colocam diante da especificidade dos processos da adolescência.

Tendo como objetivo levantar questões sobre o corpo da voz para compreensão de sua ação enquanto *forma* dentro da sessão analítica, Eliana Rache escreve *Tem algo na voz que não se pode dizer: reflexões sobre o corpo da voz*. Utiliza-se do referencial psicanalítico e de conhecimentos de estudiosos de outras áreas e termina fazendo um convite a empregarmos tais conhecimentos como uma útil ferramenta clínica.

Patrícia Porchat e Vinícius M. Godeguez, em *O corpo, o dildo, a carne e o fetiche: Preciado com Freud*, contribuem com um artigo sobre sexualidade que busca aproximações entre a teoria *queer* e a psicanálise. Procuram estabelecer um diálogo possível entre as ideias de autoria de Preciado, constantes em seu

---

*Manifesto contrassexual*, com as posições assumidas por Freud, especialmente as que se referem à disposição perversa polimorfa e ao fetichismo.

Discutindo as possíveis interpretações da tatuagem enquanto fenômeno cultural, bem como fazendo uma aproximação entre corpo e obra de arte, João A. Frayze-Pereira apresenta o artigo *Tatuagem e simbolização: corpo reflexivo*. Segundo ele, o conceito de corpo reflexivo permite ver relações entre tatuagem e simbolização, entre a experiência psicanalítica e a estética.

Finalizamos a temática deste número com *Hans Bellmer e a invenção da boneca: o empuxo-à-mulher e a construção de um corpo fora* de Renata Damiano Riguini e Cristina Moreira Marcos. As autoras trabalham a definição lacaniana de empuxo-à-mulher na psicose e sua relação com o corpo e com o gozo. Partem da invenção *A boneca*, do artista Hans Bellmer, que, segundo sua hipótese, pôde sanar a dissolução imaginária do corpo e a vivência de um gozo deslocalizado.

A entrevista com Howard B. Levine – sessão que encerra este número – constitui a transcrição de um estimulante diálogo que o Conselho Editorial da Revista realizou com o Dr. Levine por ocasião de sua recente visita à nossa Sociedade em novembro de 2016. Esta conversa oportunizou conhecermos mais de perto nosso convidado, bem como algumas de suas contribuições originais à nossa disciplina.

Desejamos a todos uma ótima leitura.

**Lúcia Thaler**

Editora da *Revista de Psicanálise da SPPA*